



Uma experiência de ensino do fu- tebol no currí- culo de licenci- atura em Edu- cação Física

*Vicente Molina Neto**

O presente trabalho relata uma experi-
ência prática do ensino do futebol em um âm-

bito específico, o currículo de formação de pro-
fessores de educação física. Esta experiência
possibilitou aos participantes reflexões sobre
várias alternativas que este esporte, caracteriza-
do, nas últimas décadas, como esporte nacio-
nal",² oferece para a construção de estratégias
de ensino e objetivos educativos que ultrapas-
sem a atividades esportiva em si mesmo.

O conteúdo do mesmo busca alinhar-se
aos grandes textos e propostas de mudanças em
educação, como é o caso da pedagogia
libertadora de Freire³ e, particularmente, do
ensino do esporte como conteúdo da educação
física em geral,⁴ razão pela qual sugiro algu-
mas generalizações em outros níveis de ensino
e em outras práticas esportivas sistematizadas
e didaticamente adaptadas com o esporte esco-
lar (Kunz, 1991).

APROXIMAÇÕES AO PROBLEMA

De forma muito marcante e significativa,
e não é a primeira vez que se fala sobre a ques-
tão, o futebol se constituiu historicamente, no
Brasil e em muitos outros países, em uma mani-
festação cultural que transcendeu seus limites e
se transformou em um fenômeno social com efei-
tos e influências diretas e indiretas em todo o

Com a incorporação do modelo de esporte vigente no Brasil ao currículo de graduação em Educação Física proposto, este se reduziu, através do ensino, em formar recursos humanos necessários para a reprodução e continuidade dos sistemas esportivos e de educação vigentes.

tecido social, que são, inclusive, objeto de estudo de outras áreas específicas de conhecimento, como a sociologia, antropologia, psicologia e outras.⁵ Eco (1984), em metáfora, sublinha que o êxito de uma revolução política e social ficaria comprometido se esta acontecesse em um domingo à tarde, durante um jogo de futebol da liga profissional.⁶

Nesta linha de argumentos vale lembrar as críticas feitas por Saldanha (1986), Dieguez (1986), e Ramos (1984), principalmente ao se referirem à manipulação política da população, através do espetáculo esportivo nos meios de comunicação de massa. Também neste sentido Guiraldelli (1989), quando analisa as diferentes fases da educação física brasileira, refere-se ao esporte espetáculo como um dos elementos constitutivos do esporte brasileiro, no sentido de como este se constitui em elemento de consumo para atender interesses capitalistas hegemônicos de uma determinada classe social.

Tubino (1988) expõe e questiona, em uma outra linha de argumentos, a manipulação do esporte por determinados grupos de poder que presentes nas instituições esportivas, principalmente naquelas relacionadas com o futebol, tratam de obter privilégios ilegítimos através de estratégias pouco claras, tanto do ponto de vista legal como social.

Por todas as linhas de argumentos, o concreto é que este modelo em que se configurou o esporte brasileiro, particularmente o futebol, tem uma relação muito íntima com o processo de civilização do povo e o modelo de desenvolvimento econômico, político e social pelo qual vem passando o estado e a sociedade brasileira. Muitos dos efeitos deste modelo estão no campo da educação e se manifestam frequentemente através da educação física **que** se pratica na escola e que, ao mesmo tempo, legítima e é legitimada pelo modelo de esporte institucionalização no Brasil.

Muitos autores brasileiros, comprometidos com uma linha de educação libertadora, vêm estudando e problematizando esta questão, que em outras palavras trata-se de exami-

nar as possibilidades de dotar a educação física e o esporte praticado nas escolas de elementos de reflexão crítica e prática educativa geradora de mudanças sociais.

De acordo com Bracht (1992), a Educação Física como prática pedagógica se converteu em uma atividade depositária que assume, primeiramente os códigos da instituição militar e, num segundo momento, os códigos da instituição esportiva, o que, desta forma, vai caracterizar as práticas esportivas escolares em uma extensão do esporte de alto rendimento que caracteriza o espetáculo esportivo.⁷ Ainda segundo este autor (1992 e 1993) os anos 80 vão se caracterizar por um processo de reflexão crítica da educação física brasileira, tanto do ponto de vista experimental de estratégias e práticas alternativas cotidianas em classe, como principalmente uma quantidade considerável de produção científica sob princípios epistemológicos diferenciados do "paradigma técnico".

Uma das áreas mais sensíveis desta reflexão foi o currículo da licenciatura, principalmente a contradição existente entre o modelo de profissional idealizado pelo currículo e o profissional necessário para trabalhar em um sistema educacional que também passava por um processo de reflexão crítica. Com a incorporação do modelo de esporte vigente no Brasil ao currículo de graduação em educação física proposto, este reduziu-se, através do ensino, em formar recursos humanos necessários para a reprodução e continuidade dos sistemas esportivo e de educação vigentes. Através da pesquisa e extensão universitária o currículo se caracterizou em produzir um tipo de conhecimento "interessado" em torno a um paradigma "empírico-analítico", hierarquizado, destinado a preservar determinadas estruturas de poder. Por meio deste processo, o currículo da licenciatura em educação física se converteu em uma tabela de disciplinas técnicas, cujo itinerário da formação, a grosso modo, os alunos egressos destes cursos em especialistas de determinadas modalidades esportivas.

Reppold Filho (1988), em estudo sobre a teoria e prática da educação física escolar reali-

za, considerando distintos aspectos deste problema, um inventário da porcentagem de disciplinas técnicas no currículo da licenciatura em educação física. Entre várias proposições, este autor reivindica um maior número de disciplinas relativas às ciências humanas, proposta que acrescenta qualidade ao ensino da educação física. Assim, seguindo o pensamento de Reppold Filho, acredito que sua proposta pode ser complementada com uma reflexão e novas alternativas nos objetivos, conteúdos, estratégias de ensino, avaliação e prática das disciplinas técnicas que já existem no currículo e que historicamente se desenvolveram em consonância com os interesses dos distintos grupos de poder e referência⁹ presentes na sociedade. É também com esta intenção e este interesse que este trabalho foi desenvolvido.

O INTERESSE DO TRABALHO

A intencionalidade que sustenta o presente trabalho é adequar o ensino do futebol aos interesses de uma educação emancipadora conforme indicam os ensinamentos de Freire (1979). Neste sentido, em conjunto com os alunos da disciplina "Futebol - Técnicas Avançadas" do curso de licenciatura da ESEF/UFRGS, nos anos de 1990 e 1991, desenvolvemos objetivos diferenciados para além desta disciplina, uma nova programação para o esmo conteúdo e promovemos mudanças nas estratégias de ensino e aprendizagem do futebol que fossem além da graduação, como também concretizamos uma prática includente deste esporte.

Na busca de aproximação do ensino de um esporte a uma teoria da educação, escolhemos os seguintes pontos de orientação: a) reflexão crítica sobre a construção histórica do futebol na sociedade brasileira; b) a prática relacionada com o contexto sócio-econômico-político-cultural; c) as possibilidades de desenvolvimento de um conhecimento específico articulado com a construção de um ensino diferenciado no contexto escolar.

Podemos encontrar, na publicação do Coletivo de Autores (1992), indicações teóri-

cas e metodológicas sistematizadas que ajudam a fundamentar a limitação prática desta experiência de ensino. Assim, dada a existência de bibliografia já conhecida e devido as condições de tempo e espaço, me concentrarei aos aspectos do conteúdo específico e às implicações pedagógicas mais próximas.

A EXPERIÊNCIA E AS ILUSÕES

Minhas expectativas em relação ao desenvolvimento deste trabalho foram: a) enfrentar, na prática, estratégias de reprodução sistemática que muitas vezes coagem e inviabilizam um trabalho de mais qualidade do professor, propondo uma alternativa simples às propostas tradicionais de ensino da educação física, particularmente do futebol; b) Concretizar uma reflexão teórico-crítica, a partir da especificidade desta prática concreta de ensino; c) elaborar um conhecimento que, envolvendo o aluno pela experiência e autoria, tivesse concreta-mente possibilidades de utilização, após o encerramento da disciplina, em sua prática acadêmica e profissional.

O trabalho constituiu-se de duas partes. Primeiro, realizou-se uma observação de como o ensino do futebol é desenvolvido de maneira geral na graduação de professores de Educação Física; que recomendações fazem os planos de ensino e quais as proposições da bibliografia específica sobre o quê, e como, se deve ensinar no futebol. Acredito que o resultado destas observações e as características verificadas, que apresento a seguir, são semelhantes a outros cursos de licenciatura do Brasil e talvez de outros países.

O segundo momento do trabalho foi a produção em conjunto de uma intervenção otimizada, concretizada frente à reflexão de cada problema produzido nas aulas.

O PLANO DE CURSO OBSERVADO

A observação mostrou que o ensino do futebol no curso de graduação em educação física se apresentava, basicamente, da seguinte maneira:

Fundamentos da técnica individual do futebol

Compõem-se por passe, chute, controle e domínio de bola, cabeceio, etc. O jogo é decomposto segundo derivação do método cartesiano e apresentado segundo três formas didáticas (analítica, global e mista).

Nos dias em que não é possível prática de campo, os alunos recebem sobre as regras oficiais ou fazem trabalhos "teóricos" sobre elas na biblioteca, ou em casa. Desta forma, os alunos da licenciatura recebem a "base" para o desenvolvimento do futebol no curso. Frequentemente, os exercícios práticos são executados naturalmente por alunos do sexo masculino, que já tem um certo nível de habilidade, e estes são o centro da atenção do professor. Os "menos" habilidosos e alunos do sexo feminino, quando a classe é mista, se limitam a passar o tempo ou tomar notas do repertório de exercícios utilizados.

Formas coletivas de jogo

Sistemas táticos: os alunos aprendem a distribuir o grupo de jogadores no campo de futebol e como já conhecem, ou através das aulas do curso, ou mesmo anteriormente a estas, as regras deste esporte, jogam nas aulas segundo as normas. As equipes são formadas pelo professor ou pelos alunos segundo seus interesses imediatos. O professor assume o papel de árbitro ou indica um aluno para este papel.

Algumas vezes o professor desenvolve jogadas específicas para situações particulares do jogo, ou setores específicos da equipe.

Métodos de preparação física aplicados ao futebol

Os alunos trabalham conteúdos que se referem à aplicabilidade prática no futebol da teoria do treinamento físico-desportivo. Basicamente aprendem como planificar e periodizar o treino físico de uma equipe.

Iniciação esportiva

Alguns cursos de graduação, preocupa-

dos em resgatar o enfoque pedagógico da formação dos professores de educação física, como o que observamos, já estão incluindo disciplinas optativas de prática de ensino de esportes específicos. Neste caso, especificamente, a disciplina: "Futebol - prática de ensino", representa a possibilidade de oferecer aos alunos de graduação práticas de ensino com crianças e adolescentes. Trata-se de uma iniciativa muito boa, entretanto, a possibilidade de um ensino alternativo está limitada pelos conteúdos e forma de aprendizagem que estes alunos de graduação tiveram nas disciplinas anteriores, como por exemplo: "Futebol-fundamentos" e "Futebol - técnicas avançadas".

CRÍTICAS AO MODELO OBSERVADO

Considero limitado este modelo de trabalho porque, do ponto de vista didático e curricular, é excludente. O conteúdo das aulas não motiva a todos os alunos e alunas e afasta muitos deles. Na perspectiva sócio-cultural reforça a idéia de que futebol é um jogo de homens, e com isto limita as alunas da oportunidade de experimentar novas formas de movimento e acessar um conhecimento que pode lhes ser útil na prática profissional. Do ponto de vista político, epistemológico e pedagógico, o modelo reforça o saber dos mais habilidosos, oferecendo-lhes oportunidade de seguir adiante em seu saber, trabalha em cima da desigualdade, e a reforça, e obviamente continua reproduzindo os valores e o modelo sócio-político vigente.

Portanto, mesmo entendendo a possibilidade de resistência e julgando que os alunos, diante da realidade escolar, desenvolvem novas estratégias de ensino, há fortes possibilidades de reprodução, pois quanto estes alunos de licenciatura, futuros professores, chegam às escolas, possivelmente vão desenvolver os conteúdos conforme aprenderam em sua formação. A possibilidade de resistência e mudança, neste caso, se reduz à descoberta de que sua formação foi equivocada para este âmbito de trabalho. Neste caso ou o professor procura outras formas e conteúdos de ensino ou deixa a

prática do futebol vinculada à possibilidade de passar o tempo.

INTERVENÇÃO OTIMIZADORA

A nova proposta apresentada, longe de estar acabada, representa uma tentativa de ensinar os esportes, observando o cotidiano de muitas escolas e partindo da reflexão da experiência prática diária dos professores que, junto com seu aluno, conforme Escudero (1991), produzem um conhecimento pedagógico. A linha condutora das aulas toma base a pedagogia libertadora de Freire na problematização das atividades de ensino propostas em aula e nos objetivos das mesmas. Incorpora-se uma dupla função do jogo: o prazer e o desenvolvimento pessoal.

A aprendizagem se desenvolve segundo Bruner (1978), ou seja, todo o aluno pode aprender qualquer tipo de conhecimento desde que adequado a seu modo de pensar e aprender. Assim, são dispensados critérios de gênero e níveis de habilidade na formação dos grupos de trabalho.

O primeiro bloco de conteúdos é centrado em conhecer e refletir sobre o problema do ensino e sua extensão. Trata-se de aprendizagem do futebol por alunos de graduação que no futuro estarão dando aula. Portanto, o ponto de partida é expressar e sistematizar o conhecimento que todos os participantes do grupo têm do tema e inventariar os contextos onde se joga futebol e pessoas conhecidas que se relacionam com o tema. Neste bloco de conteúdos os alunos vão a algumas fontes (biblioteca, jornais, etc) para conhecer algo de história deste esporte e relacioná-la com a história geral do país. São atividades que se desenvolvem na sala de aula, consideradas como "teóricas". Em síntese, este bloco se caracteriza por uma ampla contextualização e inserção do futebol na realidade e história brasileira.

No segundo bloco, os alunos tratam de manter contato com os principais elementos materiais do jogo. Eles manipulam e utilizam bolas de diferentes tamanhos, pesos e, inclusi-

ve, de outros esportes. Brincam e passeiam por diferentes zonas do campo escolhendo onde se sentem mais a vontade. Também neste bloco os alunos identificam diferentes configurações de campos de futebol, desde estádios completos até locais improvisados pelas crianças nas ruas e nas praças. O objetivo desta atividade é refletir sobre as relações entre o modelo tradicional de prática do futebol e uma série de alternativas existentes desenvolvidas pelas pessoas, bem como o espaço disponível para criação outras possibilidades de desenvolver o futebol.

No terceiro bloco, está localizado o ponto que vai desencadear o grande questionamento do conteúdo da disciplina, com objetivos imediatos e outros que vão além da atividade prática. Como início se propõe um jogo de futebol normal com as regras oficiais, sendo que as equipes são organizadas de acordo com o critério técnico, onde todos os alunos e alunas devem participar. Deste jogo vêm à tona uma série de problemas, tais como: os alunos, por terem uma maior habilidade, adquirida antes do curso, são individualistas ou jogam só com companheiros do mesmo nível; as alunas participam pouco do jogo, reclamam e frequentemente "saem" da atividade; alguns alunos exageram nos gestos e palavras, pois estão "dentro" do jogo, conforme o modelo tradicional de participação deste esporte; algumas alunas querem participar, mas não têm habilidade.

Deste contexto, elencamos o principal problema a ser resolvido:

Como os alunos e alunas podem jogar futebol juntos de forma agradável e que todos tenham as mesmas oportunidades de uma aprendizagem significativa deste conteúdo de ensino nas aulas de educação física?

Esta questão é colocada para discussão do grupo de alunos e alunas e daí em diante começa o processo de decisão coletiva das regras do jogo, no qual o professor tem a função mediadora dos conflitos. Seu papel é oferecer informações para o debate e garantir a voz e vez de todos os participantes desta discussão.

Como os alunos e alunas podem jogar futebol juntos de forma agradável e que tenham as mesmas oportunidades de uma aprendizagem significativa deste conteúdo de ensino nas aulas de educação física?

Muitas vezes a solução se concentra em modificação de regras. Como por exemplo: aos alunos do sexo masculino é permitido dar um ou dois toques de cada vez na bola, enquanto os alunos do sexo feminino podem dar quantos toques sejam necessários, ou ainda os alunos não podem tirar a posse de bola das alunas. Várias outras regras, criadas pelos alunos, podem ser citadas, mas o importante desta atividade é que como a regra do jogo é elaborada de forma coletiva é aceita por todo o grupo, não havendo necessidade de um árbitro para questões supostamente polêmicas. No final das classes, os alunos se reúnem junto com o professor para explorar possibilidades de transferências de aprendizagem para além da prática do jogo.

Outras vezes, estabelecem, além das regras do jogo, formas de aprendizagem e exercícios para que, em conjunto, desenvolvem melhor determinados fundamentos do futebol. Muitas vezes estes exercícios se desenvolvem com materiais alternativos propostos pelo grupo. A intervenção do professor, neste caso, é para colocar novas perguntas, estimular, ajudar na sistematização e retomar ao assunto central da aula, sempre que as discussões distanciam-se do centro do tema.

O quarto bloco é o jogo coletivo. Nesta fase, o grupo já tem as regras acordadas e todos já têm segurança para executar as suas habilidades de acordo com sua evolução pessoal. A formação das equipes será objeto de problematização e, agora, a questão colocada ao grupo é:

Que critérios serão levados em consideração na formação das equipes e qual a responsabilidades dos componentes dos grupos?

Há muitas sugestões, mas a idéia primordial é que sejam escolhidos dois elementos do grupo para executar o papel de técnico da equipe e, a partir daí, estes dois escolhem os demais membros de cada equipe. Outra questão, então, é colocada para o grupo.

Que qualidades deverão ter estes elementos escolhidos pelo grupo?

A intervenção do professor dá-se no intuito de garantir que, depois de iniciar o processo de escolha dos participantes de cada equipe, cada aluno escolhido participe da escolha do próximo integrante da equipe e assegurar a este o direito ou não de aceitar a escolha. É um processo demorado, mas, ao final, os alunos têm uma consciência bastante precisa do trabalho desenvolvido e um comprometimento com as decisões coletivas. Além disto, os alunos têm uma dimensão bastante intensa e próxima das relações interpessoais do grupo. Ao final, o grupo interpreta e sistematiza a experiência.

Nas aulas seguintes, as equipes formadas neste processo de escolha jogarão entre si. Então, o professor fornecerá informações relativas aos sistemas de jogo e possibilidades coletivas quanto às estratégias do mesmo e cada grupo fará a escolha segundo suas características. Desta forma, os alunos estudam e praticam os diferentes sistemas de jogo utilizados no futebol.

Deste momento em diante, nas aulas, os alunos vão propondo temas relacionados, segundo seus interesses de estudo e que contribuam para um melhor conhecimento do futebol. O professor trará as informações solicitadas e os alunos elaborarão seus próprios conhecimentos e interpretações. São tratados temas relativos à preparação física específica e à discussão política das matérias publicadas na imprensa. Há discussões sobre violência no esporte, doping, marketing publicitário nos jogos de futebol e outros.

No final do semestre, é possível perceber mudanças de atitude dos alunos a respeito das possibilidades educacionais do ensino do futebol e das expectativas que tinham em relação a esta disciplina. Observo uma forte coesão de grupo e elevado espírito crítico com relação ao trabalho realizado e o desenvolvimento do nível de participação à medida que vão se desenrolando as aulas. Mesmo aqueles alunos e a alunas que se matricularam na disciplina por obrigações curriculares e que não tinham qualquer atitude positiva com relação a este esporte, manifestam, ao final, certa competência lingüística sobre temas do futebol. Tam-

bém observo que, depois de passado o semestre, vários alunos de prática de ensino, nas escolas estaduais, têm proposto, em seus planos de ensino, conteúdos relativos ao futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante acrescentar, ao final deste relato, que a literatura recente consagra como predominante a ênfase biológica na construção do currículo de educação física. O paradigma utilizado na sua construção foi o modelo da técnica e do rendimento, baseados no racionalismo positivista. Forma de pensar e produzir conhecimento que, entre outras coisas, prescrevia a higienização do corpo e a assepsia social. Além disto, submetia o corpo a um controle moralista, resultado da antinomia histórica corpo e mente.

O ensino dos esportes e sua metodologia, além desta orientação de formar o espírito nobre pela submissão do corpo a esforços rigorosos, teve a colaboração dos valores simbólicos divulgados mundialmente pelos Jogos Olímpicos. Fato que, por um lado, popularizou a prática dos esportes e que, por outro, a prendeu em uma camisa de força, garantindo uma reprodução constante e inviabilizando possibilidades de novas alternativas neste campo.

Particularmente o futebol ficou imobilizado entre o "ideal" e o "profissional", o que determinou na população comportamentos homogêneos e estereotipados dos grandes "atores" deste esporte, observável nas aulas de Educação Física e fora destas.

A proposta que relatei neste trabalho diferencia-se do modelo esportivo tradicional. Trata-se de uma forma de trabalho que parte do jogo sem regras e, através de uma perspectiva construtivista, busca contribuir com o desenvolvimento do espírito crítico dos alunos, na medida em que oportuniza a estes a reflexão sobre um modelo de futebol solidamente vinculado aos hábitos da população.

Em vez de treinar o aluno para funções já pré-determinadas, ou ocupar seu tempo livre por meio de um ativismo alienado, a pro-

posta busca o sujeito por inteiro, na reflexão sobre sua experiência, na qual o teórico e o prático sejam superados em um discurso curricular e em um processo pedagógico que se desenvolve no cotidiano, nas classes concretas com alunos e professores reais (Giroux, 1990).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRACHT, Vâlder. *Educação Física e Aprendizagem Social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____. Educação Física/Ciências do Esporte: Que ciência é essa? *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Maringá, v. 14, n. 3, p. 111-7, maio/1993.

BRUNER, Jerome. *El proceso mental en el aprendizaje*. Madrid: Narcea, 1978.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DIEGUEZ, Gilda K. (org), *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1986.

ECO, Umberto. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ESCUADERO MUNOZ, J.M. et YÃNEZ, J.L. (coord.). *Los Desafios De Las Reformas Escolares - cambio educativo y formación para el cambio*. Sevilla: Arquetipo Ediciones, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia del Oprimido*. Trad. Jorge Mellado. Pref. Ernani Maria Fiori. 21 ed. Madrid: Siglo XXI, 1979.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1989.

GIROUX, Henry A. *Los Profesores como Intelectuales - Hacia una pedagogia crítica del aprendizaje*. Barcelona: Paidós/ MEC, 1990.

- HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e Interesse*. Trad. José N. Heck. Rio de Janeiro: Gua-nabara, 1987.
- KUNZ, Elenor. *Educação Física: Ensino & Mudanças*. Ijuí: Unijuí, 1991.
- MOLINA NETO, Vicente. *Esporte na escola: contradições e alternativas*. Porto Alegre: Faculdade de Educação/PUC, Dissertação (mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1991.
- RAMOS, Roberto. *Futebol. Ideologia do poder*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo. *A Prática da Educação Física: Problemas e alternativas transformadoras na ação educativa e social*. Porto Alegre: Faculdade de Educação/ UFRGS, Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1988.
- SOARES, Carmen Lúcia et ai. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- SPARKES, A. Reflexiones sobre las posibilidades y problemas del processo de cambio en educación física. In: J. Devis & C. Peiro, *Nuevas perspectivas curriculares en Educación Física: la salud y los juegos modificados*. Barcelona: INDE, (1992).
- STENHOUSE, Lawrence. *Investigación y desarrollo del curriculum*. Madrid: Morata, 1984.
- TUBINO, Manoel José Gomes (org.). *Repensando o esporte brasileiro*. São Paulo: 1987.

NOTAS

¹Trabalho apresentado no Congresso Mundial de Ciências da Atividade Física e Esporte, re-

alizado em Granada/Espenha, de 10 a 13 de novembro de 1993.

²Registros históricos apontam o ano de 1984 como o ano em que o futebol chega ao Brasil através de Charles Müller, estudante brasileiro na Inglaterra, que volta ao país trazendo consigo os materiais necessários a sua prática e a regulamentação deste esporte. O seu desenvolvimento nas décadas de 50 e 60, particularmente os anos de 1950 (realização da copa do mundo no Brasil), 1958, 1962 e 1970 (as três copas do mundo vencidas pela seleção brasileira de futebol), associado a interesses e fatores políticos institucionais, implicará em caracterizá-lo como um modelo de esporte nacional no âmbito da cultura brasileira e uma maneira de jogá-lo no contexto internacional.

³Para compreender adequadamente sobre educação libertadora, ver: FREIRE, Paulo. *Pedagogia dei Oprimido*, 21.ed. Madrid: Siglo XXI, 1979.

⁴Reflexões importantes sobre o processo de mudanças, em Educação Física, em uma perspectiva crítica, ver: a) em português. *Metodologia da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1989; b) em espanhol, SPARKES, A. Reflexiones sobre las posibilidades de cambio en educación física. In: DEVIS, Jr., PEIRO, C. *Nuevas. Perspectivas Curriculares en Educación Física: Ia salud y los juegos modificados*. Barcelona: Inde, 1992.

⁵Sobre este assunto ver: BROHM, Jean-Marie et ai. *Materiales de Sociologia dei Deporte*. Madrid: La Piqueta, 1993.

⁶Liga profissional é um termo utilizado no contexto europeu para referir-se aos campeonatos nacionais de futebol da primeira divisão, que Umberto Eco utiliza para construir a idéia de maximização do futebol como espetáculo esportivo.

⁷Em outra ocasião constatei, no texto de Molina (1191), a presença destes códigos na base de valoração que vários professores de Educação Física fazem das atividades esportivas na escola.

⁵Para uma idéia clara da relação entre produção de conhecimento e dos interesses que orientam esta produção ver: HABERMAS, Jürgen. Conhecimento e interesse. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

⁹Utilizo a noção de grupos de poder e referência no sentido sociológico proposto por Lawrence Stenhouse em *Investigación y Desarrollo del Curriculum*, Madrid: Morata, 1984 (grupos exteriores ao sistema de educação, que compartilham, promovem, e em alguns casos normatizam determinados conhecimentos, valores, convenções sociais e outras, que são permeabilizados nas atividades de ensino. Neste caso, especificamente, por exemplo: associações de profissionais, federações esportivas, etc).

UNITERMOS

Educação Física - Futebol

**Professor da ESEF/UFRGS*